

CEDI

POVOS INDÍGENAS NO BRASIL

FONTE : J.B.

CLASS. : 300

DATA : 11 11 91

PG. : 3

Índios Xokleng, a sobrevivência ameaçada

Ibirama, SC — Daniel Conzi

● Antropólogo denuncia ameaça de etnocídio de tribo catarinense

Carlos Stegemann

FLORIANÓPOLIS — Habitantes da Mata Atlântica antes da chegada dos portugueses ao Brasil, dizimados pela colonização branca e, seus remanescentes, empurrados cada vez mais para o interior, os índios Xokleng têm conhecido ultimamente momentos difíceis, na reserva de Ibirama, em Santa Catarina, onde vivem há quase 70 anos. Sua qualidade de vida cai assustadoramente, registrando-se inclusive casos de Aids entre os 1.200 moradores da aldeia. "Comete-se um etnocídio em Ibirama, com a clara e objetiva convicção da Funai" — denuncia o antropólogo Sílvio Coelho dos Santos, professor da Universidade Federal de Santa Catarina (UFCS).

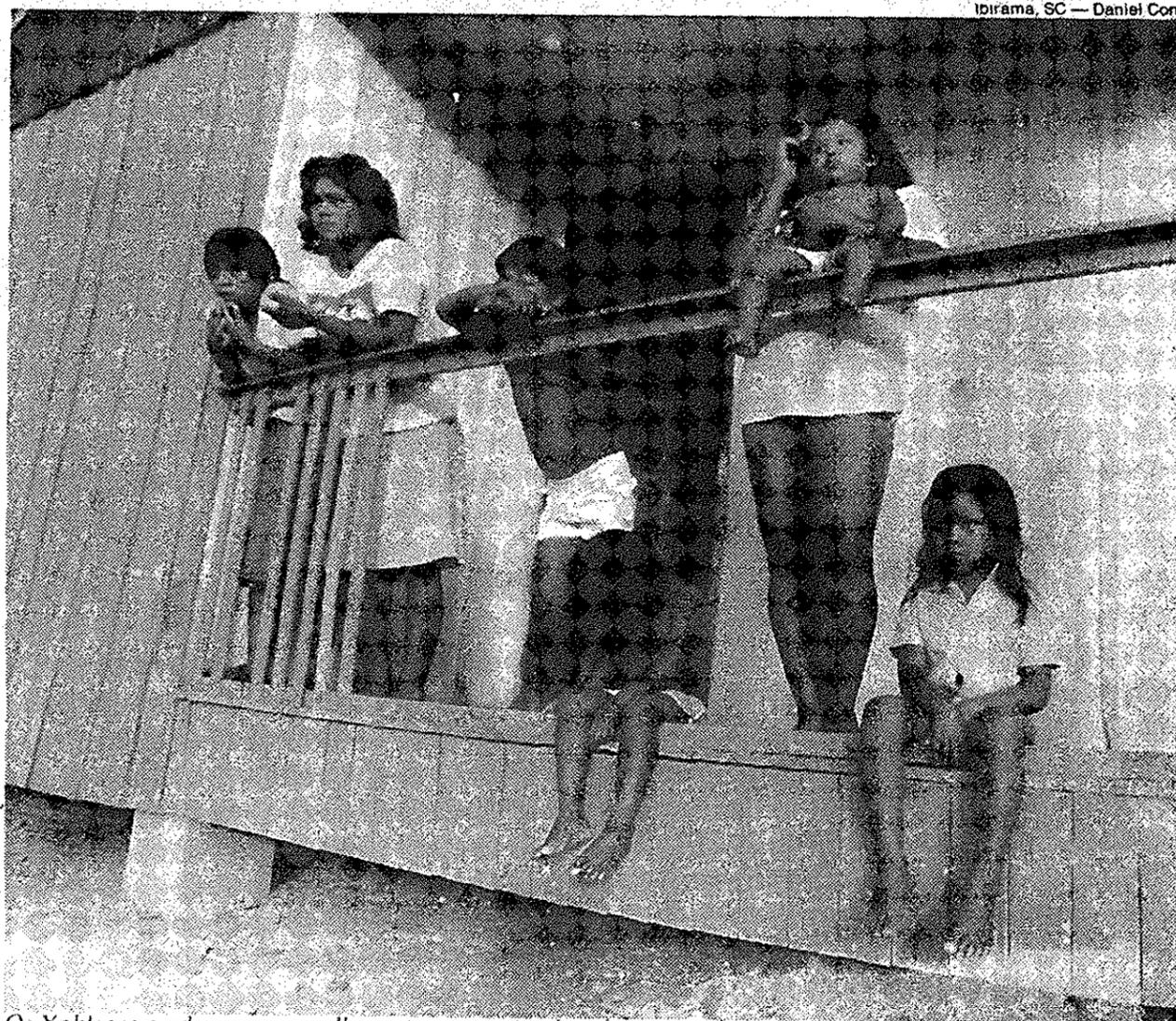
No ano passado, 200 Xoklengs invadiram e acamparam no canteiro de obras da barragem para contenção de cheias do rio Itajaí, ao norte da reserva. Seu objetivo era reivindicar uma indenização sobre as terras que lhe pertenciam legalmente, prometida desde 1981 pelo extinto Departamento Nacional de Obras e Saneamento (Dnos). O acordo assinado na época entre o Dnos e a Funai garantia aos índios novas casas, enfermaria, escola, igreja, redes de água e eletricidade, estradas e indenização para as plantações, entre outros pontos. "Nada disso foi cumprido", assegura Jussara Maria Resende, missionária do Cimi (Conselho Indigenista Missionário) em Santa Catarina. Até o procurador da Funai, Eugênio Aragão, demitiu-se do cargo após uma discussão com o Ministro Jairo Passarinho.

O Ministro recebeu três diferentes propostas sobre quantias e formas de indenização dos índios, elaboradas pela Secretaria de

Desenvolvimento Regional, a Procuradoria Geral da República em Santa Catarina e entidades de defesa dos índios, entre as quais o Cimi. Quando a barragem de Itajaí estiver concluída, 870 hectares de terra dos Xoklengs serão alagadas e/ou ocupadas, inclusive as partes mais férteis da reserva. A obra — inaugurada pelo ex-Presidente Sarney — faz parte de um amplo projeto de contenção de cheias do Vale do Itajaí.

"Queremos uma compensação, pois pagamos nunca seremos", afirma o cacique João Pattê, indagando: "Quanto vale o desaparecimento de uma cultura?" Na opinião da procuradora-geral da República no estado, Ana Maria Guerrero Guimarães, que trata da questão como defensora dos índios, "a solução é difícil e envolve muitos órgãos. O atual estágio é resultado de anos de ineficiência da burocracia estatal e de falta de vontade política". Para o antropólogo Sílvio Coelho, os erros estão na origem: "As barragens da região foram planejadas num período de autoritarismo e os índios nunca foram ouvidos. A própria Funai considerava a terra um patrimônio da União, que poderia ser cedido a outro órgão federal."

Nas últimas semanas, os Xoklengs têm recebido muitas manifestações de apoio — desde a associação comercial e industrial de Blumenau até os pastores luteranos catarinenses. E, apesar das dificuldades, parece haver sinais de acordo. A expectativa é que seja aprovada a proposta de pagamento imediato de Cr\$ 2 milhões por família e a liberação gradual de Cr\$ 3 bilhões para um programa de agricultura e desenvolvimento sustentado, capaz de levar os Xoklengs a desocupar a barragem, permitindo a conclusão da obra que impedirá novas enchentes no Vale do Itajaí. "A terra lhes pertence, inclusive com registro em cartório. E a sociedade lhes deve uma contrapartida", conclui o antropólogo Sílvio Coelho dos Santos.



Os Xoklengs perderam suas melhores terras com a obra da represa de Itajaí, junto à reserva de Ibirama.